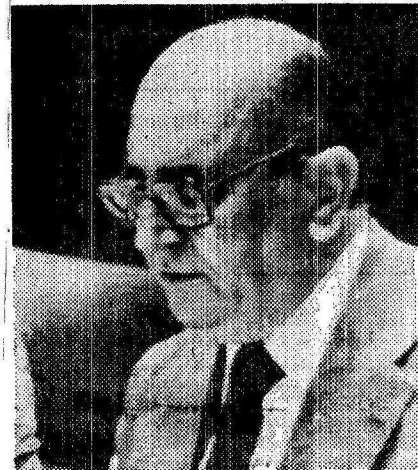


Negativa inglesa não preocupa



Arquivo

Colin: uma posição política

Da sucursal de
BRASILIA

"É uma posição política do governo de Margaret Thatcher" — disse ontem o presidente do Banco do Brasil, Oswaldo Colin, ao comentar a decisão do ministro das Finanças da Grã-Bretanha, Nigel Lawson, de rejeitar a participação do Banco da Inglaterra, de US\$ 200 milhões, no "pacote" de US\$ 2,5 bilhões de créditos oficiais a importações brasileiras. Colin revelou ainda que a União de Bancos Suíços está entre os grandes credores do País que não aderiram ao jumbo de US\$ 6,5 bilhões.

O presidente do Banco do Brasil informou que o vice-presidente da União de Bancos Suíços, Guido Hansselmann, está "negociando a

participação no jumbo" com o presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, mas Colin disse desconhecer o interesse do banco suíço em obter uma comissão extra para liberar novos recursos ao País.

A eventual negativa do Banco da Inglaterra de conceder garantias para os financiamentos a importações brasileiras não preocupa o presidente do Banco do Brasil. Segundo ele, Japão, Alemanha Ocidental, França e Canadá podem cobrir a parcela britânica, já que esses países "têm interesse em preservar os seus mercados externos". Colin lembrou que o ministro da Fazenda, Ernane Galvêas, procurou complementar o crédito comercial de organismos oficiais — o Eximbank dos Estados Unidos

mantém a garantia de US\$ 1,5 bilhão — nas negociações com o Clube de Paris.

No almoço de ontem dos ministros do Planejamento, Delfim Netto, o interino da Fazenda, Mailson Ferreira da Nóbrega, e mais o presidente do Banco Central, o presidente do Federal Reserve de Nova York — um dos 12 órgãos regionais do Federal Reserve Norte-americano — Anthony Salomon, manifestou preocupação com os compromissos atrasados do Brasil junto aos credores externos e também com a capacidade das agências dos bancos brasileiros em Nova York manterem posição favorável no sistema de compensação do principal centro financeiro dos Estados Unidos.

BC inicia liberação de compromissos vencidos

Da sucursal de
BRASILIA

O final da fase dois da renegociação da dívida externa brasileira com os bancos privados e o acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Clube de Paris trouxeram novo alento aos credores e ao País e, para ajudar, o Banco Central iniciou, esta semana, a liberação de compromissos externos vencidos no começo de agosto.

Fonte do setor financeiro informou que as remessas ao Exterior incluem até juros de empréstimos contraiados pelo setor privado, com a intermediação dos bancos nacionais, dentro das normas da Resolução nº 63 do Banco Central. Segundo essa fonte, agora, tudo parece certo para o País

eliminar os atrasados e ainda suspender a centralização cambial, até o final do ano.

Com a gradual normalização dos pagamentos hoje em atraso — em particular, os juros das operações 63 — a fonte explicou que o Banco Central estimulará a adesão dos pequenos bancos no Exterior ao novo "jumbo" para completar os 10% que faltam no pedido de US\$ 6,5 bilhões. A retomada das remessas facilitará também o fechamento de caixa das estatais, uma vez que os bancos estrangeiros poderão transferir para os tomadores finais cerca de US\$ 5 bilhões mantidos em depósito no Banco Central, relativos à parcela de US\$ 2,52 bilhões do "jumbo" de fevereiro último e outro tanto da dívida vencida este ano e sob congelamento.